

A virgindade divinizada¹



Em torno da virgindade feminina os gregos ergueram mitos fundadores; cultos e ritos que marcaram fortemente os costumes, as representações e até mesmo os saberes. Por quê? Antes de sugerir respostas, convêm tomar algumas precauções. A palavra “virgindade” traduz tanto o grego *parthenia* quanto o latim *virginitas*; a palavra “virgem” traduz *parthenos* e *virgo*. Traduções aproximativas, pois nossos conceitos atuais de virgem e virgindade, moldados pela doutrina cristã e por uma ciência da anatomia de grandes resultados, não coincidem exatamente com o conteúdo dos termos gregos e latinos. Por outro lado, o panteão grego não se constituiu senão aos poucos, ao longo dos séculos, em relação a contextos históricos sucessivos: os deuses que o povoam não são figuras estáveis; imobilizá-los é traí-los. É verdade que as divindades não são pessoas, são forças, exercem um poder, o que não as impede de ter cada qual um nome, um “gênero” e um caráter bem delineado.

No Olimpo, a igualdade está assegurada: ele é habitado por seis deuses e seis deusas. Nenhum dos machos é virgem; a virgindade é pensada apenas no feminino. Entretanto, uma outra simetria, igualmente manifesta, é mais surpreendente: entre as seis deusas, três são virgens, por escolha pessoal, e bem decididas a permanecer assim; três outras são esposas e mães. A virgindade feminina é, então, pensada como um estado transitório – um dia, a virgem chega ao casamento; depois, à maternidade –, ao passo que as três deusas virgens o são perpetuamente. A virgindade das deusas talvez esteja ligada à sua imortalidade; como as divindades não morrem, não têm que repovoar suas fileiras. Para elas, a procriação não é um dever social; apenas uma experiência individual, mais ou menos satisfatória. Aliás, as deusas esposas-mães são pouco fecundas, e nenhuma parece feliz no casamento. Isso posto, ignoramos por que as três deusas virgens se recusam a conhecer homens e ter filhos; nenhuma se explica. Precisemos que entre as deusas virgens e as não virgens a concórdia é, no mais das vezes, rara: as três virgens detestam particularmente Afrodite, sua rival e inimiga.

AS TRÊS OLÍMPICAS

Salta aos olhos que, entre as olímpicas, a virgindade, de um lado, e a atividade sexual, de outro, não são apenas distintas, mas separadas; na verdade, são opostas radical e definitivamente. Elas surgem como duas categorias do feminino; equivalentes, mas irreconciliáveis. Nada comparável existe no lado dos olímpicos e/ou entre os mortais. Os antigos apreciam os prazeres sexuais e os gozam sem constrangimento. Entretanto, avaliam a força do que chamamos sexualidade, temem seu domínio e entendem ser conveniente impor limites que não são definidos pelos deuses, mas pelas deusas, como se nessa

matéria o discernimento delas fosse mais confiável ou como se a contenção do desejo sexual fosse uma responsabilidade especificamente feminina. As deusas virgens se encarregam de bloquear o caminho da livre sexualidade nos casos em que ela pode ser prejudicial. Elas protegem especialmente a integridade da infância, da cidade, do lar. Mas cada uma age à sua maneira: Atena, Artêmis e Héstia também assumem responsabilidades distintas.

Atena

Atena, divindade protetora das cidades por excelência, protege Atenas. O mais belo templo da Acrópole, o Parthenon, é dedicado a ela, e as panateneias a celebram com pompa. Ela deve essa veneração ao fato de ser a guardiã da autoctonia da cidade. De fato, de acordo com o mito das origens, os atenienses nasceram do próprio solo da Ática. Segundo a narrativa mítica, ao ser perseguida por Hefesto, a orgulhosa deusa foi atingida na coxa pelo esperma do deus apaixonado. Ela o sequeu com chumaço de lã e depois o jogou no chão. Daí nasceu Erectônio, o primeiro rei de Atenas: filho da Terra e do deus ferreiro, ele escapou às trevas do útero. Atena o recolheu e veiculou por sua educação.

Outro símbolo: o parto mais representado na iconografia grega é o de Zeus dando à luz sua filha Atena. O rei dos deuses, imagem suprema do masculino, teria querido afirmar seu poder ao colocar no mundo uma criança do outro sexo, ato de que as mortais são capazes, mas não os mortais? O fato é que ao sair toda armada do crânio de Zeus, Atena também evitou a estada no útero. Ela é filha de seu pai, a quem permanece muito apegada. Combativa, está sempre disposta a pegar em armas; entretanto, também ama a paz e a sabedoria.

Na verdade, Atena teve uma mãe, Métis, a deusa da inteligência, que foi “devorada” por Zeus. Aliás, Atena é frequentemente invocada por sua *métis*, sua inteligência ativa e prática. Ela ensinou os humanos a cultivar a oliveira. Patrona das profissões femininas, da fiação e da tecelagem, ela ajuda também um bom número de técnicos: o ferreiro, o oleiro, aquele que constrói um navio e mesmo quem o pilota. Seu apoio a diversas atividades criativas confirmam a origem divina, o caráter sagrado da inteligência humana, capaz de transformar o mundo. Na era dos filósofos, Atena, divindade feminina, mas virgem, se tornará o símbolo da ciência. Pode-se dizer que ela estabeleceu um elo entre a virgindade e a aprendizagem, a aquisição de saberes?

Artêmis

Artêmis é mais ambivalente. Embora aconteça de defender sua integridade com violência, algumas de suas aventuras são tingidas de erotismo, e ela é também mais próxima tanto das mulheres que dão à luz quanto das crianças que nascem. Artêmis detesta os trabalhos domésticos, ainda que saiba fiar com sua roca de ouro; prefere as danças e os cantos e, acima de tudo, ama caçar, correr pelos bosques e pelas montanhas com as ninfas, suas companheiras. Ela tem apreço pelas mulheres belicosas e as apoia; primeiramente, as amazonas e seu reinado, a bela Penteseleia, que à frente de mil virgens é levada a ir em socorro de Troia e é morta por Aquiles. Artêmis protege os homens castos, como testemunha Hipólito, filho de uma amazona, Antíope, e de Teseu, rei de Atenas. O belo jovem, solitário, grande caçador, devota à deusa um culto fervoroso: para manifestar sua devoção, ele se impõe uma continência absoluta, o que irrita Afrodite. Artêmis vela por ele, mas nada pode fazer

para evitar-lhe a morte, uma vez que, como se sabe, Afrodite incutiu em Fedra, esposa de Teseu, uma paixão destruidora.

Muitos exemplos comprovam que Artêmis pode se mostrar de uma crueldade impiedosa. Por exemplo, o caçador Acteon, que estava perdido na floresta, é transformado em cervo por ela, que o deixa ser devorado por seus cães porque ele, por acaso, a viu nua divertindo-se com as ninfas na água de uma fonte. Artêmis também mata, a flechadas, os sete filhos e as sete filhas de Niobe, pelo fato de essa mãe se vangloriar de sua fecundidade. Entretanto, é Artêmis que é invocada, sob o nome de Locheia, junto às parturientes. Assim como ajudou sua mãe, Latona, a colocar Apolo no mundo, ela assiste as que estão em trabalho de parto e acolhe os recém-nascidos. Em Éfeso, seu templo, o Artemisina, foi construído sobre as ruínas de um antigo templo de Cibele.

Por causa de suas contradições, de sua complexidade, poderíamos ser tentados a ver em Artêmis a própria imagem da adolescência, idade cheia de ansiedades e fantasias, sobretudo para as meninas, que temem, retardam, recusam as obrigações da mulher casada. Na verdade, ela desempenha um papel decisivo nas fronteiras entre o mundo selvagem e o mundo civilizado, velando assiduamente pelas trocas e relações que ambos mantêm entre si. Ela é chamada de *Kourotrophe* (“ama de leite”, “educadora”); se ocupa dos pequenos, tanto dos filhos dos homens quanto dos filhotes dos animais, os ajuda a crescer assim que chegam ao mundo. Como ela, os jovens se encontram em uma posição indefinida, em que as fronteiras que separam humanos e animais, meninos e meninas, crianças e adultos ainda não estão claramente demarcadas. Ela os acompanha no momento de transpor limites difíceis, assegurando sua integração progressiva na sociedade organizada. Pode-se dizer que ela associa a virgindade às transformações perturbadoras do corpo juvenil, às pulsões da vida que ele experimenta?

Héstia

Héstia teve certa dificuldade em fazer com que o rei dos deuses aceitasse seu voto de castidade. Após ter recusado as investidas de Poseidon e de Apolo, ambas apoiadas por Zeus, ela fez o grande juramento dos deuses, “aquele que não pode ser desfeito”, para se dedicar mais intensamente à virgindade. Em compensação, o rei dos deuses lhe permitiu reinar sobre o fogo doméstico. Seu nome próprio é também o nome comum que designa a lareira. Entretanto, estranhamente, ela não acompanha a dona de casa em suas responsabilidades. Sua função parece enigmática. Jean-Pierre Vernant observa que Héstia é muito frequentemente associada a Hermes, que não é seu irmão, marido ou filho. Essas duas divindades representam duas polaridades da existência humana: Héstia, o interior e a estabilidade (a vida feminina); Hermes, o exterior e o movimento (a vida masculina). O fogo os reúne. Situado no centro das casas, disposto de forma circular, o fogo tem uma função umbilical – símbolo de filiação, de continuidade, de enraizamento, ele estabelece um elo com a terra e os deuses, tanto celestes quanto infernais.

Héstia atenua ou supera algumas dificuldades nas relações familiares. A necessidade de recorrer às mulheres para perpetuar uma linhagem incomoda os chefes de família pelo fato de ela alterar uma continuidade ideal. A sociedade grega, fundamentalmente patrilinear e patriarcal, só reconhece as genealogias masculinas; a filiação pelas mulheres não conta. A esposa é uma estrangeira para a família, ela vem do exterior pelo casamento e pode ser repudiada (o que não é raro). Quanto à filha, ela será levada para fora da casa por seu marido. Como inserir as mulheres nas linhagens estritamente masculinas? Héstia o faz: ela representa a estabilidade feminina junto ao lar; nesse lugar, sua virgindade, sua castidade absoluta, é totalmen-

te necessária, e é por isso que ela oferece uma imagem abstrata do feminino. Talvez essa seja a razão de ela ser pouco representada na iconografia. Entretanto, toda festa de família começa e termina com as libações a Héstia, deusa virgem, em particular por ocasião das Anfidromias, cerimônias que acompanham o nascimento de uma criança.

Entretanto, Héstia não é apenas uma virgem doméstica. Ela reina também sobre o fogo que permanece aceso no centro da cidade, no Pritaneu, sede do poder político, e preside algumas festas cívicas que reúnem os chefes de família. Na verdade, tanto no âmbito político da cidade quanto no contexto privado da família, o fogo é um símbolo muito forte, que representa, ao mesmo tempo, a pureza dos costumes e a perenidade do grupo. Os que partem com a intenção de fundar uma colônia levam consigo a flama de sua cidade de origem. Claudine Ledux, que destacou esses elementos, mostrou que Héstia representa o elo entre o fogo doméstico e o fogo coletivo. Mais exatamente, a deusa assegura a integração de todos os fogos domésticos no centro da cidade, o corpo político.

A VIRGEM E A POLÍTICA²

Voltemos à nossa questão central: por que os gregos divinizarão a virgindade feminina? Por que é preciso que Atena, Artêmis e Héstia sejam virgens? Talvez porque elas tragam uma caução feminina a um corpo político que, na verdade, apaga as mulheres. Entre as deusas, a sexualidade ganha de longe da feminilidade: diferentemente das mortais, que são forçadas a assegurar a reprodução da espécie, elas podem recusar o casamento e o parto. Ao que parece, é exatamente nesse aspecto que sua presença divina ganha sentido. A necessidade de reproduzir a espécie mantém no campo da animalidade e da morte tan-

to as mulheres quanto os homens que as desposam, ao passo que a cidade é pensada como uma promessa de perenidade, se não de imortalidade. Héstia acompanha as genealogias masculinas dentro de casa e no espaço cívico; Artêmis está no centro da vida do político a fim de assegurar a civilidade; Atena, filha do pai, garantidora da autoctonia, capaz de conduzir os exércitos à vitória ou de propiciar uma paz fecunda, tem o poder de incentivar as artes e as ciências e desempenha perfeitamente o papel de *parthenos* triunfante a serviço da cidade. As deusas virgens operam uma transfiguração do feminino para a glória das comunidades masculinas.

Essa explicação, de fato convincente, não deve ocultar uma motivação talvez mais fundamental. Os antigos sentiam a força irresistível, fatal, do que chamamos sexualidade; são disso testemunhas o desvario de Fedra e a morte de Hipólito. Os antigos precisavam imaginar alguma defesa, uma resistência, alguém a quem recorrer. E os representaram – não por acaso – com divindades femininas.

O caso das sacerdotisas

As divindades querem ser servidas por sacerdotisas “puras”, libertas de qualquer ligação sexuada, de qualquer submissão ao macho. Intermediárias entre os deuses e os homens, essas mortais gozam de um estatuto privilegiado, sendo sua virgindade o fundamento de sua função sacerdotal. Observe-mos os dois exemplos mais significativos: a pitonisa de Delfos³ e as vestais de Roma.

Em Delfos, centro do mundo, o “corpo virginal” da pitonisa transmite os oráculos de Apolo. Sentada em um trípode, abrindo seu sexo para os vapores ctônicos, a corrente de ar que sai de uma falha rochosa entre nela pela “boca de bai-

xo”, atravessa seu corpo durante um transe delirante e sai pela “boca do alto”, na forma de gritos e falas que os sacerdotes se encarregam de interpretar. Ela é “possuída” pelo deus, a palavra divina circula livremente nela. Os gregos representam, portanto, a virgindade feminina, a *parthenia*, como uma fenda do corpo feminino que está à espera da fecundação. Eles ignoram a famosa membrana que depois será chamada de “hímen”, e mesmo seus médicos não tinham um conhecimento maior (ver a seguir). É preciso destacar a significação simbólica dessa vacuidade intacta: capaz de acolher mensagens divinas, ela constitui um privilégio essencial da feminilidade.

Entretanto, diversas narrativas lendárias relatam incidentes escandalosos: uma virgem consagrada se deixou seduzir por um namorado, provocando a temível ira da divindade. Depois disso, as sacerdotisas passaram a ser recrutadas com uma prudência realista entre as mulheres “puras”, mas “velhas”, isto é, que estão na menopausa ou são viúvas; em todo caso, castas, que vivem longe dos homens. Entre a virgindade e a castidade, a distinção não é clara. Os gregos parecem ter admitido que uma mulher volte a ser virgem se cessar de ter relações com homens durante bastante tempo. A *parthenia* não é, portanto, segundo eles, uma etapa da vida das mortais, mas antes uma maneira de ser mulher.

Para proteger sua “pureza”, as sacerdotisas vivem frequentemente em grupo e respeitam regras. Essa condição será observada notavelmente em Roma, no culto de Vesta, a homóloga latina de Héstia. No centro do fórum romano, o pequeno templo circular de Vesta abrigará o fogo sagrado mantido por sacerdotisas virgens, as vestais. O colégio das vestais é certamente a instituição antiga que melhor evidencia, de um lado, a relação entre as deusas e as mortais e, de outro, a função quase mágica atribuída à virgindade feminina. O corpo das virgens guarda

uma força de vida destinada a se exprimir nos partos. A religião romana pretende captar uma parte dessa força e colocá-la a serviço da comunidade. O sumo pontífice, substituindo a autoridade paternal, escolhe meninas de 6 a 10 anos, oriundas de famílias pertencentes às camadas sociais superiores. As eleitas, que se beneficiam de honras e privilégios muito importantes, são consagradas ao serviço da deusa por trinta anos, ou seja, por todo o período fértil de suas vidas. Um castigo terrível ameaça aquela que defende mal sua virgindade: ela será sepultada viva em uma caverna e abandonada. Segundo Plínio, as sacerdotisas veneram um falo em seu santuário. Além da manutenção do fogo sagrado, suas funções consistem em preparar as oferendas: a energia misteriosa de sua virgindade aumenta a eficácia dos sacrifícios e contribui para a prosperidade da cidade. Após o sacerdócio, elas recuperam sua liberdade, mas a maior parte delas termina sua vida no santuário.

Uma representação mais nuançada

Ao lado das três olímpicas citadas, algumas divindades de segundo plano trazem esclarecimentos complementares. Há, por exemplo, Koré-Perséfone, filha de dois olímpicos, Deméter e Zeus, que não pôde escolher permanecer virgem; foi raptada por Hades, deus dos infernos, com o consentimento de Zeus. Os raptos e as violações são frequentes na mitologia grego-latina: eles exprimem a impetuosidade do apetite sexual masculino, que é satisfeito sem escrúpulo. Mas nem a jovem (denominada Perséfone após o rapto) nem sobretudo sua mãe, Deméter, aceitam esse casamento forçado. Deméter, deusa da fecundidade, seca as fontes de vida, inflingindo aos humanos uma estiagem destruidora, que semeia por toda parte a desolação. Zeus é forçado a negociar um acordo segundo o qual Per-

séfone passa quatro meses por ano nos infernos; em seguida, na chegada da primavera, ela volta a viver a bela estação junto à sua mãe. Seu retorno simboliza, como se sabe, a renovação da natureza, a ressurreição. É possível depreender também dois outros símbolos. De um lado, tudo se passa como se a cada ano Perséfone recuperasse sua virgindade e assim reunisse duas categorias do feminino em uma mesma personalidade divina. Por outro lado, a vingança de Deméter soa como uma advertência: agredir uma virgem pode desencadear a cólera divina, pela qual os humanos se arriscam a pagar um alto preço. Certas práticas conjuratórias por ocasião dos casamentos talvez encontrem aqui sua origem (ver adiante). Em todo caso, o culto das “duas deusas” foi o mais antigo, popular e longevo da Hélade.

Por sua vez, as nove musas, “doutas donzelas”, mantêm relações às vezes conturbadas com os humanos. Mnemosine, a mãe e rainha de todas, conserva o passado como um tesouro, não somente por seu valor intrínseco, mas, sobretudo, porque ele esclarece o presente. As musas têm acesso a essa fonte original, a essas realidades primordiais e podem despertar a inspiração de todos os criadores – artistas, poetas, filósofos, sábios –, mas também podem se abster. A virgindade feminina, divinizada, contém uma promessa de vida que não se limita ao corpo, sua fecundidade encobre uma dimensão espiritual.

Artêmis está frequentemente acompanhada de ninfas que percorrem o campo, os bosques, as montanhas. Elas são imortais? Em todo caso, vivem muito mais tempo, são sempre jovens, belas, vivem evitando os assaltos viris dos faunos e sátiros. Graças a elas os homens compreendem que a natureza jamais pode ser inteiramente subjugada, que ela conserva uma parte de indomável selvageria. E, entretanto, algumas ninfas se tornam mães... É preciso mencionar também as virgens que

vivem em grupos e são indissociáveis: as náiades, que habitam as águas doces; as nereidas, que se divertem nas águas salgadas; e também as horas, as moiras, as queres ou, mais temíveis, as parcas e as erínias. O grupo apaga os indivíduos. Aqui ainda não há nada comparável do lado masculino.

Todas essas figuras pertencem ao mundo divino. As humanas são bem diferentes. Lembremos que elas chegaram à terra muito tempo depois dos homens. Os primeiros mortais eram todos do sexo masculino: era a “idade do ouro”! A primeira mortal foi Pandora,⁴ criada pelos deuses para punir os homens, que haviam se tornado muito pretensiosos. Aberta a caixa que ela carregava, todos os males se espalharam pela Terra. A primeira virgem mortal não foi um bom presente para a humanidade.

Notas

- ¹ Consultaremos, dentre as obras de base: Jean-Pierre Vernant, *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*, trad. Haiganuch Sarian, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008, e *Mito e sociedade na Grécia Antiga*, trad. Myriam Campello, Rio de Janeiro, José Olympio, 1999; Mircea Eliade, *História das crenças e das ideias religiosas*, trad. Roberto Cortes de Lacerda, Rio de Janeiro, Zahar, 2010; Nicole Loraux, *Les Enfants d'Athéna*, Paris, Seuil, 1990, “O que é uma deusa?”, em Georges Duby e Michelle Perrot (org.), *História das mulheres no Ocidente*, trad. Maria Helena da Cruz Coelho et al, Porto, Afrontamento, 1991.
- ² Além do livro de Nicole Loraux, *Les Enfants d'Athéna*, ver A. Jaulin, “La vierge et le politique”, e C. Leduc, “Note sur Hestia”, em GRIEF (Groupe de recherches interdisciplinaires d'études femmes), *Génération de vierges*, Presses universitaires du Mirail, 1984.
- ³ G. Sissa, *Le Corps virginal. La virginité féminine en Grèce antique*, op. cit.
- ⁴ P. Schmitt-Pantel, “La création de la femme: un enjeu pour l'histoire des femmes”, em J.-C. Schmitt (org.), *Ève et Pandora. La création de la première femme*, Paris: Gallimard, 2001.